

EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONCEPÇÃO DE UMA PROFESSORA

Rafaela Aparecida Silva Ferreira Diniz¹

Wender Faleiro²

Adriane Erbs de Abreu³

Eixo: Eixo 6 - Ciências da Natureza e Diversidade

Resumo: Progressivamente, pode ser observado o crescimento nas discussões, bem como nas produções científicas que tratam da Educação do Campo no Brasil, assim como nas demais modalidades de Educação faz-se necessário que as condições de estrutura física, qualificação dos profissionais docentes e materiais pedagógicos sejam pensados nas especificidades que envolvem as peculiaridades do ensino para os povos do campo, nesse sentido com levantamento no banco de dados do Censo 2020 e envio de questionário digital pelo aplicativo *Google Forms* é que investigamos quais foram as mudanças na estratégia de ensino em tempo de pandemia em uma escola rural; analisamos quais foram os desafios no processo de ensino de estudantes do campo durante a pandemia e apresentamos os impactos vivenciados por professores e docentes de uma escola rural durante a pandemia. Dessa forma verificamos que há um número significativo de estudantes matriculados nas escolas rurais no Brasil, e que dentre os desafios no processo de ensino durante a pandemia, o mais impactante foi a falta de acesso à *internet* pelos estudantes.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Escola Rural; Desafios; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Progressivamente, pode ser observado o crescimento nas discussões, bem como nas produções científicas que tratam da Educação do Campo no Brasil. Nesse sentido acreditamos que a Educação do Campo e sua essência devem contemplar os princípios de uma Educação Popular, defendemos que esta pode e deve ultrapassar as barreiras do elitismo e principalmente emancipar os sujeitos adjacentes a esta modalidade de Educação a fim de promover ou pelo menos auxiliar no processo de empoderamento e emancipação dos povos do campo, a partir do direito à educação.

Como defensores e estudiosos engajados na luta por uma Educação do Campo com qualidade que somos, buscamos diuturnamente, buscar, investigar e discutir conhecimentos que vêm sendo produzidos e dessa forma contribuir com debate na busca pelo fortalecimento e garantia de direitos básicos de sujeitos que por décadas são

¹ Mestranda em Educação, Universidade Federal de Catalão, rafaelafd89@gmail.com

² Professor PPGEDUC-FaE/ Gepeec-CNPC/UFCAT, Universidade Federal de Catalão, wender.faleiro@gmail.com

³ Estudante de Psicologia, Bolsista de Iniciação Científica Cnpq, Universidade Federal de Catalão, adriane.erbs@gmail.com

afetados diretamente com o sucateamento das escolas rurais.

Nas Escolas do Campo, um dos grandes desafios é ver os direitos universais que vão além dos direitos à educação serem garantidos a todo cidadão. Por mais que a discussão em torno Educação do Campo, esteja sendo promovida, muito ainda precisa ser feito para se conquistar uma educação que vá além da relação professor-aluno entendendo que, a escola precisa muito mais do que o corpo docente, discente e administrativo, a escola precisa de condições adequadas de funcionamento, um espaço físico aliado a materiais didáticos que contemplem as necessidades dos alunos para apreender, experimentar e vivenciar o aprendizado (PAULA, 2017, p. 111).

Vejamos que nesta direção, é possível apontar que na busca pela oferta de uma Educação do Campo com qualidade, indica-se que são necessários diversos elementos para compor o cenário de aprendizagem dos estudantes do campo, sendo que estes podem ser fatores determinantes para que haja indícios do processo de ensino pelos docentes e aprendizagem pelos discentes, numa relação de mediação entre professor e aluno que possam contemplar a construção do conhecimento.

O essencial está justamente com a realidade vivida pelas escolas do campo, que se veem obrigados a lidar com o que lhes é oferecido, trabalhar na adversidade da falta de materiais didáticos e pedagógicos, da ausência de profissionais capacitados para problematizar as questões do campo, precarizando, muitas vezes, o trabalho docente para atender a demanda emergencial. Estes dois elementos se encontram de forma polarizada, um não pode ocupar o mesmo espaço que o outro ao passo que, o ideal permite que a democracia alie-se a qualidade e, permite que, seus alunos sejam participantes e capazes de construir seu próprio caminho, reconhecendo seus direitos. O essencial não se permite que a escola se reconstrua, seja autônoma e reflexiva, pois há outros problemas a serem resolvidos (PAULA, 2017, p. 124).

Portanto, assim como nas demais modalidades de Educação faz-se necessário que as condições de estrutura física, qualificação dos profissionais docentes e materiais pedagógicos sejam pensados nas especificidades que envolvem as peculiaridades do ensino para os povos do campo, haja vista a necessidade que este ensino possa contemplar os aspectos sociais, culturais e ambientais do contexto onde vivem estes sujeitos.

As pedagogias escolares são as mais cercadas e fechadas a definir critérios rígidos de validade e até de não reconhecimento da validade dos saberes, modos de pensar, e de pensar-se, de aprender e de educar-se que os educandos levam às escolas e às universidades. As crianças e jovens populares até os adultos na EJA são obrigados a ocultar suas experiências sociais e as indagações e leituras que levam do trabalho e dessas experiências tão radicais. Até os militantes que vêm de tensas experiências de lutas nos movimentos sociais e que acumularam riquíssimas práticas e concepções pedagógicas são levados a ignorá-las ou, ao máximo, servirão como matéria-prima para despertar o interesse por teorias sérias, científicas. Até os saberes e a criatividade e as autorias docentes são controlados no fazer pedagógico (ARROYO, 2012, p. 33,).

Neste sentido, Arroyo (2012) nos diz que para os diferentes tipos de sujeitos, surge a necessidade de diferentes tipos de pedagogias, isso se deve ao fato de que os contextos sociais, políticos e formativos são distintos e, portanto, devem englobar os saberes pré-estabelecidos pelos educandos, pois todos nós educadores e educandos vamos para a sala de aula, abastecidos de informações e conhecimentos que foram constituídos por nossas vivências, portanto ressaltamos que estas vivências são relevantes para o processo da construção do conhecimento científico, e que por muitas vezes estes sujeitos são até mesmo silenciados de suas vivências, sendo-lhes imposto que o saber que tem “valor” é o da escola.

A análise das relações entre educação, trabalho e exclusão social nos levam a um permanente olhar em duas direções que terminam se encontrando. De um lado, estarmos atentos às contraditórias transformações que precarizam a vida de milhões de seres humanos, negando-lhes os direitos mais básicos: olhar os brutais processos de desumanização a que são submetidos. De outro lado, estarmos atentos às múltiplas manifestações de luta pelos direitos humanos, às manifestações de mobilização coletiva vindas dos excluídos e oprimidos: olhar os processos de humanização que se dão nos movimentos sociais e nas experiências e lutas democráticas pela emancipação (ARROYO, p. 29, 2003).

Contudo sabemos, que o fato de sermos educadores por si só já é um tanto quanto laborioso, o que significa que a construção docente deve ser diária e de acordo com o público ao qual se pretende ofertar o ensino, dessa forma consideramos que a Educação para o campo, para os sujeitos que dela fazem parte, deve pautada na promoção de atividades que contemplem os modos de vida e de produção humana daquele determinado ambiente, e que para isto torna-se necessário que os educadores que irão atuar nessa perspectiva, estejam minimamente preparados para esta realidade, conseqüentemente visualiza-se a relevância na formação inicial e continuada de profissionais que sejam capazes de corresponder a estas demandas.

Entretanto até aqui, estamos exclusivamente pensando na sala de aula em formato presencial a qual estamos acostumados e acomodados por décadas, haja vista que no dia 16 de março de 2020, houve a interrupção de aulas presenciais provocada pela pandemia da Covid-19. O Novo Coronavírus teve início na cidade de Wuhan, no dia 31 de Dezembro de 2019 para sermos mais específicos, a Organização Mundial de Saúde, foi sinalizada sobre repetidos casos de pneumonia na capital da província de Hubei na China, contudo rapidamente, após o empenho e estudos da comunidade científica, foi identificada uma nova cepa de coronavírus. Logo, o Novo Coronavírus se disseminou em nível mundial acarretando uma situação totalmente inédita, provocando

incontáveis mortes diárias em todo mundo, impondo medidas urgentes de contenção na disseminação, como forma de se tentar cercar o vírus até uma vacina fosse produzida. Uma das medidas encontradas para que a educação não paralisasse totalmente o ensino, foi a modalidade de ensino remoto, no qual os estudantes receberiam as aulas de forma online.

No Brasil, os estados e municípios tiveram autonomia para se organizarem da melhor forma possível, cada uma se adequando ao seu contexto e suas particularidades, o ensino remoto foi admitido em todas as esferas, no Ensino público e privado, bem como em todas as etapas do ensino, sendo eles a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior e até mesmo na Pós-graduação. Sendo que dessa forma cada instituição de ensino, orientada por sua equipe administrativa, tinham autonomia para definir e conduzir de que forma seriam ofertadas as aulas, no entanto um elemento era comum e necessário em todos os ambientes, esse elemento foi a internet, pois somente através deste foi possível a comunicação entre educadores e educando.

Partindo dos fatos e das mudanças que a pandemia da COVID 19, acarretou no âmbito educacional, é que surge a magnitude da discussão proposta pela presente pesquisa que tem como objetivo investigar e discutir quais foram alguns dos aspectos relevantes em relação ao trabalho docente em tempos de pandemia, através dos dizeres de uma professora de escola rural no município de Catalão, interior do sudeste goiano. Incorporado nessa perspectiva nos propomos a: Investigar quais foram as mudanças na estratégia de ensino em tempo de pandemia em uma escola rural; analisar quais foram os desafios no processo de ensino de estudantes do campo durante a pandemia e apresentar e discutir os impactos vivenciados por professores e docentes de uma escola rural durante a pandemia.

METODOLOGIA

Toda e qualquer pesquisa científica demanda tempo, dedicação, investigação, concentração e principalmente estudos teóricos que nos auxiliem na construção de um trabalho consistente que possa de fato contribuir para construção de um debate sólido e efetivo. Neste sentido é que a pesquisa se inicia por meio de levantamento de dados, no qual foram realizadas duas buscas em diferentes sites de arquivo digital de publicações

de diferentes esferas.

Assim, pesquisar, num sentido amplo, é procurar uma informação que não sabemos e que precisamos saber. Consultar livros e revistas, verificar documentos, conversar com pessoas, fazendo perguntas para obter respostas, são formas de pesquisa, considerada como sinônimo de busca, de investigação e indagação. Esse sentido amplo de pesquisa se opõe ao conceito de pesquisa como tratamento de investigação científica que tem por objetivo comprovar uma hipótese levantada, através do uso de processos científicos (PRODANOV, 2013, p. 44).

Realizou-se primeiramente no dia 25 de março de 2022, a busca no site oficial da BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, na qual é possível encontrar todos os trabalhos de teses e dissertações que ali foram publicados e disponibilizados para consulta, o site é acessível e possui linguagem objetiva, a busca no *site* é realizada através de descritores que são inseridos no campo de pesquisa, cujo site apresentará os resultados pelos títulos de trabalhos cadastrados na plataforma que contém as palavras buscadas.

Dessa forma, foram digitadas as seguintes palavras: Educação do Campo; pandemia, conforme o resultado foi encontrado 83 trabalhos que continham em seus títulos pelo menos uma das palavras buscadas, entretanto após serem lidos, todos os títulos e resumos dos trabalhos, percebeu-se que nenhum dos trabalhos encontrados de fato se referiam a temática deseja para discussão em questão.

Posteriormente realizamos ainda pesquisa no site da SciELO - *Brasil Scientific Electronic Library Online*, no qual pode ser encontrado artigos científicos que foram publicados e disponibilizados para consulta, entretanto ao realizarmos o mesmo procedimento anterior de busca através de palavras descritoras, o site apresentou resultado com 17 trabalhos nos quais os títulos continham ao menos uma das palavras que foram inseridas para consulta, seguimos o mesmo procedimento de leitura de títulos e resumos dos trabalhos e constatamos que nenhum dos trabalhos se relacionavam ou continham em seu conteúdo contribuições para o debate em relação a Educação do Campo em tempos de pandemia.

Contudo consideramos que o fato pode ser justificado por consequência de ainda estarmos vivenciando período de pandemia, o que acabou impossibilitando que fossem realizadas pesquisas de campo, haja vista a necessidade do distanciamento social e a suspensão de aulas presenciais, e ainda levando em consideração o período em que normalmente são concluídos os cursos de mestrado (dois anos) e doutorado (quatro anos), e comparando com a data de início da pandemia, acreditamos que as pesquisas

que podem ter sido desenvolvidas no âmbito da Educação do Campo em tempos de pandemia, ainda não foram concluídas e divulgadas, o que nos leva ressaltar a relevância na construção deste diálogo.

Sobretudo, o fato de não encontrarmos trabalhos que já disponíveis para estudo, nos motivou ainda mais em compreender e indicar como tem sido a realidade escolar de educadores que da noite para o dia, tiveram que se adaptar e se reinventar no processo de escolarização de estudantes de escolas rurais. Portanto fizemos contato via *e-mail* com uma professora efetiva do município de Catalão interior do estado de Goiás, na ocasião apresentamos a proposta e os objetivos do trabalho e solicitamos sua participação, haja vista a participante ter aceitado, o *e-mail* solicitou assinatura de consentimento em divulgação dos dados, o qual foi devidamente correspondido pela participante.

Após o envio do *e-mail* que confirmou a autorização e participação da participante foi elaborado um questionário digital por meio do aplicativo *Google Forms*, que permite que o participante possa responder quando for possível e assim, contribui para realização de pesquisas neste período que ainda estamos vivenciando. Salientamos que esta pesquisa está vinculada a um projeto maior intitulado: Formação Interdisciplinar de Professores em Ciências da Natureza, sob a coordenação do Professor Dr. Wender Faleiro, orientador desta dissertação, e que, portanto, possui aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás sob o n°. 4.304.458.

Contudo, foi elaborado previamente um roteiro que conduziu a construção do questionário, posteriormente elaboramos o questionário no aplicativo *Google Forms* e enviamos a participante, realizamos ainda um levantamento referente a matrículas de alunos disponibilizado no banco de dados do Censo de 2020, com a intenção de averiguarmos a quantidade de alunos matriculados na zona rural e mapear o possível impacto que a pandemia pode ter provocado à estes sujeitos, após termos coletado os dados necessários, averiguamos que já possuímos informações para construção da presente pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Matrículas de Estudantes do Campo no Brasil

Intelectuais que defendem teoricamente a Educação do Campo como direito e forma de transformação social da classe camponesa que tanto fazem para a soberania alimentar do Brasil, por meio da agricultura familiar, reconhecem estes sujeitos como elemento primordial da sociedade capitalista da qual fazemos parte, portanto já indicaram em outros trabalhos os desafios impostos à Educação do Campo, como manutenção e permanências de estudantes no campo, profissionais que atendam suas especificidades, currículos que contemplem as diversidades que englobam esta modalidade, bem como outras demandas que se fazem necessárias para que de fato possamos efetivar uma educação que possibilite a integração destes sujeitos de forma efetiva e com o reconhecimento que lhes é de direito.

Atualmente o que visualizamos é o sucateamento da educação em âmbito nacional, urbano e rural, sobretudo entendemos que os impactos brutalmente vivenciados pelo campo são por muitas vezes ainda maiores, haja vista os desafios já apontados por este trabalho, contudo nos últimos anos vivenciamos a desconstrução de políticas públicas, o que o atual governo faz diariamente é atacar a classe trabalhadora desse país e ampliar a desigualdade social que nos assombra desde o período imperial.

De acordo com Molina e Freitas (2011):

Ainda é muito arraigado nos gestores públicos o imaginário sobre a inferioridade do espaço rural, destinando a ele o que sobra no espaço urbano. Isto funciona não só com o mobiliário para as escolas do meio rural, mas também com os meios de transporte. Quanto aos educadores, eles não são concursados, mudam várias vezes de escola num mesmo ano letivo, têm baixa remuneração e suas condições de trabalho são extremamente precárias. (MOLINA; FREITAS, 2011 p. 20).

Destacamos a seguir, alguns dados significativos que foram coletados do censo escolar de 2020, que retratam alguns aspectos da atual conjuntura da Educação do Campo no Brasil.

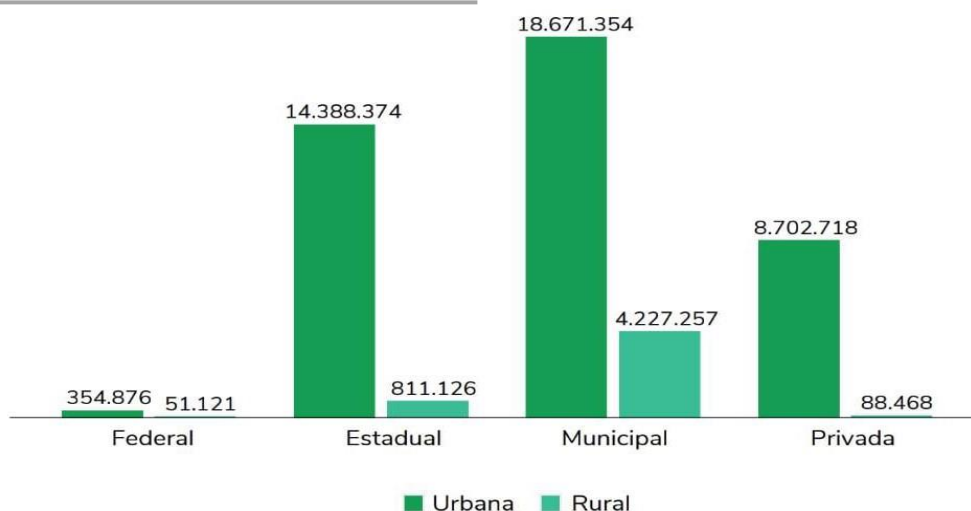


Figura 1 – Gráfico com número de matrículas na Educação Básica no Brasil de acordo com o Censo 2020.

Fonte: (BRASIL, 2021, p.17).

Na figura 1, apresentamos o gráfico referente ao número de matrículas na Educação Básica no Brasil, de acordo com os resultados disponibilizados no banco de dados do Censo de 2020. É possível verificar que assim como esperado a maioria dos estudantes estão matriculados na zona urbana, e que, portanto, os 5.038.383 de estudantes matriculados na zona rural estão divididos entre escolas estaduais e municipais, visto que dos mais de cinco milhões a maioria estão matriculados na rede municipal.

Art. 16. O sistema federal de ensino compreende:

I - as instituições de ensino mantidas pela União;

II - as instituições de educação superior criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III - os órgãos federais de educação.

Art. 17. Os sistemas de ensino dos Estados e do Distrito Federal compreendem:

I - as instituições de ensino mantidas, respectivamente, pelo Poder Público estadual e pelo Distrito Federal;

II - as instituições de educação superior mantidas pelo Poder Público municipal;

III - as instituições de ensino fundamental e médio criadas e mantidas pela iniciativa privada;

IV - os órgãos de educação estaduais e do Distrito Federal, respectivamente.

Parágrafo único. No Distrito Federal, as instituições de educação infantil, criadas e mantidas pela iniciativa privada, integram seu sistema de ensino.

Art. 18. Os sistemas municipais de ensino compreendem:

I - as instituições do ensino fundamental, médio e de educação infantil mantidas pelo Poder Público municipal;

II - as instituições de educação infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III - os órgãos municipais de educação. (BRASIL, 1996)

Isto se deve ao fato que os municípios são responsáveis por ofertar a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, o que corresponde até o 9º ano, posteriormente os alunos devem iniciar o Ensino Médio, etapa esta que não é obrigatoriamente ofertada pelo município, mas sim pelo estado, portanto o gráfico revela que a quantidade de estudantes em escolas estaduais na zona rural é significativamente menor, o que nos leva a pensar em duas possibilidades, ao terminarem o 9º ano os estudantes optam por pararem de dar continuidade ao processo educativo, ou em busca dar continuidade, estes sujeitos migram para a zona urbana para que tenha acesso a etapa do Ensino Médio, haja vista a maioria das escolas rurais, serem de responsabilidade dos municípios. Conforme pode ser confirmado na Imagem 02.

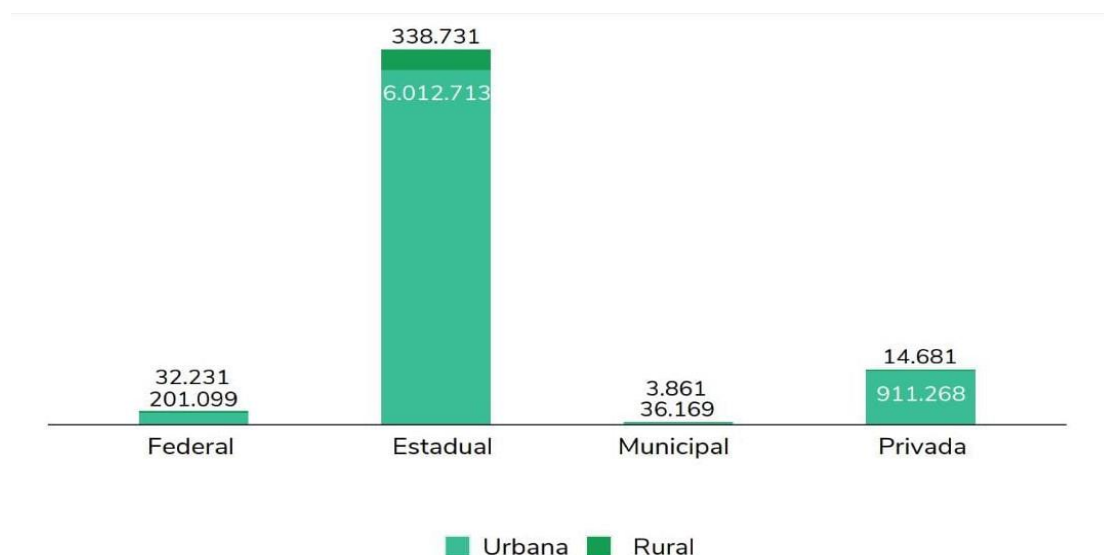


Figura 2 – Gráfico com o número de matrículas no Ensino Médio de acordo com o Censo 2020

Fonte: (BRASIL, 2021, p.27).

A escola do Campo em tempos de pandemia

Mediante análise referente a quantidade de estudantes regularmente matriculado na zona rural, e evidenciarmos que estes sujeitos são significativos e reais no processo de escolarização no Brasil, e como objetivo primordial da pesquisa, apresentaremos a seguir a concepção de uma professora de escola rural do município de Catalão interior do estado de Goiás, sobre o processo de ensino em tempos de pandemia.

Sabemos que as modificações impostas pelo período crítico de pandemia vivenciado pelo mundo, caracteriza num processo inédito e imediato proposto como forma de seguirmos com as atividades educacionais, haja vista os impactos que esse

movimento de paralização poderia provocar aos estudantes. Neste sentido é que pretendemos analisar e discutir a concepção de uma professora, mediante suas falas obtidas por meio de questionário.

A pesquisa científica tem o compromisso de garantir o anonimato do participante, portanto em momento algum citaremos o nome, ou qualquer característica física de nossa colaboradora. Mediante respostas obtidas, traçamos um perfil para nossa participante, sendo que esta é uma mulher, mãe de dois filhos, funcionária pública efetiva do município há dezoito anos, a participante contou-nos que cursou o Ensino Médio normalista, posteriormente graduou-se em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, e que passou no concurso público do município, antes mesmo de se formar.

Contou-nos ainda que seu sonho sempre foi ser professora, e que mesmo com os 18 anos de docência não poderia desejar outra profissão que não fosse educar. Atualmente o município de Catalão oferta uma gratificação como forma de incentivo aos profissionais que se deslocam do município para atuarem na zona rural, fornecendo ainda transporte e alimentação durante o período de trabalho, entretanto há desafios nesta jornada, vejamos o que diz a professora:

Olha, eu sempre gostei de trabalhar nas escolas rurais, entre idas e vidas já estou há 15 anos na zona rural, mas tem dia que o transporte estraga, em períodos de chuva atola, eu saio de casa às 06:00 da manhã, porque sou a última a ser pega, mas tem professor que sai de casa às 04:45 da manhã, não é fácil mas eu gosto, não pretendo sair. (Professora de escola rural).

Após este contato e caracterização, que mesmo através de questionário foi possível estabelecer e reconhecer na participante passamos então para as questões que nos revelam alguns dos aspectos que foram utilizados para a oferta do ensino em período de pandemia, questionamos a professora sobre quais foram os principais desafios no processo de ensino nesse novo e repentino formato remoto, e a participante nos relatou o seguinte:

Em um primeiro momento, as atividades foram impressas (em cadernos de atividades elaborados pelos professores em conjunto com a Secretaria de Educação). No caso da zona rural, eram entregues pelos transportes de cada aluno, em sua casa. Uma equipe se deslocava (diretora, professores) junto aos motoristas para a entrega do material. Na zona urbana, o material ficava disponível na escola e os pais e/ou responsáveis, buscavam o mesmo. A partir do início de ano de 2021, passamos ao ensino híbrido, que acontecia um atendimento online durante o período de aula. Aquele aluno com acesso à Internet acompanhava em tempo real, o que não tinha acesso, nós fazíamos de tudo para atendê-lo em outro momento, que fosse mais adequado (Professora

de escola rural).

Percebemos mediante a fala de nossa colaboradora, que houve uma mobilização por parte da equipe gestora em parceria com os profissionais da escola, no intuito de maximizar possibilidades de garantia do ensino aos estudantes do campo no âmbito da escola em que a participante da pesquisa atua, entretanto fica evidente que mesmo diante dos esforços não foi possível que todos os estudantes tivessem acesso ao material impresso proposto como forma de contato entre escola, comunidade e estudante. Ainda sobre os desafios a professora diz:

A pandemia é um período sem precedentes na história contemporânea. A humanidade passou por várias outras pandemias, mas nenhuma delas com as mesmas características, cada uma com sua especificidade e a Covid 19 trouxe algo a mais, a conectividade, a facilidade com a comunicação, de uma forma geral. No entanto, essa conectividade não é unânime, principalmente para os alunos das escolas rurais, onde a Internet é de difícil acesso, ou quase nenhum. Durante a pandemia passamos por várias fases, e não foi fácil manter o vínculo com os alunos, manter o contato diário era quase impossível. Nós, professores nos reinventamos e um dia dormimos professores e acordamos youtubers. Esse foi nosso desafio, aceitar as novas formas de aprendizagem e fazer com que os alunos assimilassem o máximo possível (Professora de escola rural).

Veja na fala acima mencionada, que a professora ressalta dois aspectos de extrema relevância para o debate em questão, primeiro ela destaca a falta de acesso a ao meio de comunicação que mais corroborou para o processo educativo neste período que foi a *internet*, haja vista o formato remoto ter sido na maioria das vezes for aplicativos digitais. Ela diz que no ambiente em que atua como educadora, o acesso à *internet* é escasso ou até mesmo nenhum, ela diz: “*principalmente para os alunos das escolas rurais, onde a Internet é de difícil acesso, ou quase nenhum.*”

O segundo elemento que a professora identifica como desafio, diz respeito à atuação docente quando diz assim: “*Nós, professores nos reinventamos e um dia dormimos professores e acordamos youtubers*”, isso porque o período pandêmico exigiu a suspensão das aulas presenciais, acarretando aulas remotas que foram realizadas nas mais variadas formas utilizando-se de distintos instrumentos, os professores começaram a produzir vídeo aulas, aulas on-line, grupos de professores e estudantes por meio de aplicativo de conversa, e tantos outros métodos que foram aparecendo como forma de garantir minimamente que os estudantes pudessem ter acesso ao ensino.

Diante deste cenário, o que ainda nos indaga é pensar, o seguinte, se o principal meio de comunicação entre escola e aluno foi a *internet*, e esta já foi apontada pela

professora que entre o alunado a *internet* é escassa ou nenhuma, como ficou a aprendizagem destes sujeitos visto que a maioria pode não ter ido acesso ao material digital? Certamente essa e outras questões iram surgir e não poderão ser respondidas por este trabalho, porém nos instiga a prosseguir na luta pelo debate que contribui para a indicar possibilidades que possam tornar a educação do campo mais inclusiva e efetiva.

Entretanto ao indagarmos a professora se em sua concepção houve aprendizagem dos estudantes mesmo com condições de acesso limita, a participante foi bem objetiva em sua resposta e não quis se aprofundar, dizendo apenas o seguinte: *“Sim. Tudo na vida é aprendizagem, mesmo na dificuldade, na adversidade há aprendizado” (Professora de escola rural).*

No que se refere aos impactos acarretados por esse repentino formato da oferta do ensino, indagamos a professora qual seria sua concepção, sendo que estes impactos poderiam ser positivos e/ou negativos, ela nos disse assim:

A pandemia deixou um vácuo de mais ou menos quatro anos na vida escolar dos alunos. Ainda vai levar algum tempo para que possamos recuperar isso, e não falo somente com relação aos alunos das escolas rurais, mas de todos os alunos! Apesar disso, aprendemos que podemos mudar nossa história, da qual somos protagonistas, mudar e fazer melhor. Não podemos ficar parados esperando a mudança acontecer, somos a mudança! (Professora de escola rural).

Observamos que apesar de apontar anteriormente que: *“Tudo na vida é aprendizagem”*, a participante reconhece que houve um impacto na aprendizagem dos estudantes e considera que levará anos para que esta consequência seja de fato superada. Porém ainda assim, demonstra otimismo e esperança de que os profissionais da educação podem a partir dessa experiência, almejar movimentar-se na busca por melhorias.

Entretanto, tendo em vista a retomada do ensino presencial e das atividades escolares em todo Brasil, buscamos saber o que pensa nossa participante sobre o retorno de aulas no modelo presencial, vejamos o que ela disse a respeito:

Retornamos em um momento difícil, porém não impossível e aos poucos estamos trilhando novos caminhos, abrindo novos horizontes, usando novas tecnologias e isso é muito bom! Não adianta pensar no que passou e só lamentar, é importante fazer a diferença e a hora é agora (Professora de escola rural).

É importante ressaltar, o entusiasmo e disposição que pode ser verificado na fala professora, quando ela se refere ao retorno presencial das atividades, ao considerar que será difícil, acreditamos que sim, de fato será difícil mesmo, pois cada um de nós

educadores atravessou situações distintas durante este período, entretanto considerando o cenário político atual, é preciso que sigamos sempre na luta pela educação, os desafios são constantes, porém a participante se demonstra comprometida com o seu papel de educadora do campo.

CONCLUSÃO

A Educação do Campo já perpassou e ainda perpassa momentos delicados em sua manutenção, acreditamos que uma das formas mais efetivas de confrontar as adversidades que se apresentam neste momento é a construção de conhecimento, ressaltar sempre a singularidade desta modalidade de educação tão necessária.

Neste sentido, buscamos na presente pesquisa apresentar dados que contribuam a pensar os desafios impostos a Educação do Campo em tempos de pandemia, para tanto realizamos um levantamento na base de dados do Censo 2020, que apontou que atualmente encontram-se matriculados 5.038.383 milhões de estudantes regularmente matriculados nas escolas rurais Brasil afora, portanto dentre essa quantidade tão significativa, observamos ainda uma queda na quantidade de alunos entre a etapa de Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Contudo, acreditamos que a queda no número de matrículas está relacionada ao fato de que para dar continuidade ao processo de escolarização, a maioria dos estudantes precisam se deslocar da zona rural para a zona urbana que é onde estão localizadas a maioria das escolas que ofertam o nível Médio de ensino. Logo apontamos para duas condições, que são a evasão escolar por falta de escolas na zona rural e a migração de povos do campo que abandonam toda uma estrutura cultural e social, em busca da garantia de direitos aos seus filhos.

De acordo com o questionário aplicado e conforme os dizeres de uma professora de escola rural no município de Catalão interior do sudeste goiano, o principal desafio para o processo de escolarização foi o contato com os estudantes, sendo que a primeira estratégia foi a aplicação de atividades impressas, porém não sendo possível que o material chegasse a todos, por fim a professora aponta que a falta de *internet* na zona rural, impossibilitou que a maioria dos estudantes pudessem participar das aulas remotas, e até mesmo trem acesso ao material que foi ofertado de forma digital.

Portanto, certos de que contemplamos os objetivos do presente trabalho,

verificamos na fala da professora que assim como nós, estaremos sempre e agora mais do que nunca, ainda mais engajados em “*trilhar novos caminhos*” no intuito de reconstruir e garantir direitos que nos foram retirados, e lutar para não sejamos estagnados por um governo omissivo e excludente o qual estamos vivenciado nesse momento.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel González. PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Básica 2020: Resumo Técnico [recurso eletrônico]. Brasília: Inep, 2021. Disponível em:
https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. **Lei N° 9.394 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Célia de Abreu. **AVANÇOS E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011

PAULA, Heloísa de Castro. Entre o ideal e o essencial: a escola no/do campo nas políticas públicas brasileiras. In: COSTA, Antônio Cláudio; PIMENTA, Alessandro Rodrigues; PEREIRA, Maria Simone Ferraz (Orgs). **Educação do Campo: olhares que se cruzam**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia – PROEX, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.